

Aparição – Entre o rio e a floresta

Apparition - Between the river and the forest

TIAGO SAMUEL BASSANI

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas, S.P., Brasil.

RESUMO

Este texto oferece uma reflexão sobre o trabalho intitulado “Aparição”, realizado em Belém entre 2022 e 2023, explorando suas conexões intrínsecas com os elementos da natureza, em particular o rio e a floresta. Ao adentrar no campo cultural, busca-se entender as intermediações envolvidas nos processos criativos dessa obra, visando tensionar e expandir suas dimensões críticas, teóricas e artísticas. A análise considera um recorte específico de tempo e espaço, a partir do qual é possível examinar de forma mais acurada os diálogos que surgem entre a produção artística e o ambiente em que foi concebida.

PALAVRAS-CHAVE

Arte e natureza, performance, Aparição, Amazônia paraense.

ABSTRACT

This text offers a reflection on the work entitled Apparition, carried out in Belém between 2022 and 2023, exploring its intrinsic connections with the elements of nature, in particular the river and the forest. When entering the cultural field, we seek to understand the intermediations involved in the creative processes of this work, aiming to tension and expand its critical, theoretical and artistic dimensions. The analysis considers a specific cut of time and space, from which it is possible to examine in a more accurate way the dialogues that arise between the work and the environment in which it was conceived.

KEYWORDS

Art and nature, performance, Apparition, Amazon.

1. Introdução

Este texto apresenta uma reflexão sobre práticas artísticas e seus processos de criação em performance, vídeo e fotografia, desenvolvidos entre os anos de 2022 e 2023 na cidade de Belém/PA, de uma ação denominada "Aparição". A proposta de realização do trabalho tomou como referências as particularidades culturais e as condições de vida de comunidades ribeirinhas¹, especialmente no que concerne à religiosidade e crenças populares, que permearam a produção e integraram-se aos conceitos do trabalho, estabelecendo uma relação entre arte, cultura e natureza.

Para tanto, apresentamos como os aspectos socioculturais mesclou-se ao trabalho, buscando compreender as intermediações entre arte, natureza e comunidade, visando tensionar e expandir as dimensões críticas, teóricas e artísticas. A análise considera um recorte específico de tempo e espaço, a partir do qual é

¹ O local da realização do trabalho é composto pelas comunidades de Beira Rio Guamá, Igarapé do Combu, Furo da Paciência, Igarapé do Piriquitaquara e Furo do Benedito.

possível examinar de forma mais acurada os diálogos que surgem entre a obra e o ambiente em que foi concebida, seus discursos e possíveis compreensões. Para tanto, é realizada considerações a respeito da correlação entre a comunidade e o local no qual está inserida, e a maneira como a natureza está integrada aos processos dinâmicos de vida e de suas manifestações, que compuseram o corpo deste trabalho e puderam ser reelaboradas pelo campo poético nas práticas artísticas. Uma parte do processo criativo será descrita e analisada ao longo deste artigo.

Deste modo, adentraremos previamente às questões de cunho social e cultural, para traçar reflexões sobre os aspectos que foram selecionados para realização do trabalho com base em referencialidade textuais e teóricas, mas também as empíricas vivenciadas sensivelmente durante o processo. Neste empenho, apresentamos uma perspectiva artística sobre a compreensão de aspectos da natureza da Amazônia paraense com aberturas poéticas e imaginativas, especificamente da floresta e do rio.

2. A relação entre arte, cultura e natureza

A relação entre arte, cultura e natureza se abre a partir da palavra “aparição” em três diferentes espectros: uma de caráter assombroso, denominada “visagens”; outra de natureza religiosa, como a aparição de Nossa Senhora de Nazaré; e uma que mescla religiosidade e elementos sobrenaturais, representada por seres chamados de “encantados”.

Na cultura paraense, é frequente o relato de histórias sobre “visagens”, como são chamados os fenômenos que envolvem aparições de figuras sobrenaturais e assombrosas, as quais se tornaram parte do imaginário popular em diversos locais da cidade de Belém. Essas histórias, frequentemente transmitidas oralmente, ecoam nas narrativas locais que conectam a comunidade às crenças e tradições populares. Em 2000, o escritor Walcyr Monteiro lançou a terceira edição de seu livro “Visagens e Assombrações de Belém”, uma coletânea de contos da cidade e seus entornos que reforçam a continuidade dessas narrativas no imaginário coletivo da população, indicando que tais aparições ainda estão presentes e fortes na memória e na crença.

Dentro de uma perspectiva religiosa, existe a notável história de aparição e reaparição da imagem de Nossa Senhora de Nazaré no século XVII. Conforme a narrativa, a santa teria aparecido em um local específico, sido levada para uma casa,

mas misteriosamente retornado ao mesmo local de sua aparição original, fortalecendo a crença de um mistério de fé religiosa em torno dessa devoção que perdura até hoje².

Além das representações religiosas e assombrosas, há também narrativas sobre seres chamados "encantados", que possuem uma presença imaterial no imaginário e nas crenças populares, abrangendo entidades e divindades. Esses seres encantados são entendidos como manifestações místicas ou espirituais, cuja característica pode variar conforme as crenças locais, geralmente são associadas ao tempo e à natureza, sendo muitas vezes considerados protetores de territórios sagrados e de forças naturais.

Enquanto os santos são entidades conhecidas por suas representações materiais (imagens e estampas), as suas semelhanças deixadas na terra, os encantados não são representados de nenhuma forma. Mas, assim como os santos se manifestam às vezes diante das pessoas, em aparições a devotos privilegiados, o mesmo fazem os encantados, só que de forma bem mais freqüente e de modo bastante variado. Isso é responsável pela variedade de denominações que recebem: bichos do fundo, oiaras e caruanas. Além desses nomes, são também chamados de invisíveis, porque normalmente permanecem sem serem vistos pelas pessoas comuns, apesar de presentes. (Maués, p. 188 - 189).

Assim, podemos considerar que transcendem a crença e a religiosidade e assumem um papel central na manifestação cultural, reforçando a conexão com uma ideia de mistério a partir da natureza do sagrado. Refletindo sobre esses aspectos, o que compreendemos como aparição, ao ser transportada para uma manifestação artística, adquire um significado entrelaçado com os espectros representados. Ela se apresenta baseada nas manifestações, mas por uma forma de expressão que integra religiosidade, cultura, arte, natureza em performatividade.

No campo da arte, é possível identificar que alguns trabalhos de artistas da região evocam reminiscências, citações e representações dos contextos mencionados. A primeira edição da Bienal das Amazônias³, por exemplo, trouxe como tema o título "Bubuia: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos". O termo "Bubuia" remete ao ato de permanecer à deriva nas águas de um rio, flutuando sem afundar, em uma postura de observação atenta ao que se desenrola ao redor. Essa expressão carrega em si uma dimensão contemplativa, sugerindo uma imersão

² Conforme apontam as histórias descritas pela organização do Círio de Nazaré. Disponível em <https://ciriodenazare.com.br/cirio/historias>. Acesso em 14 de outubro de 2024.

³ Conforme apontado no site da Bienal. Disponível em <https://www.bienalamazonias.com.br/quem-somos>. Acesso em 20 de outubro de 2024.

sensível e reflexiva nas águas e no ambiente que as circunda, capturando a essência das relações com o meio natural e as sensibilidades presentes nesses espaços.

A escolha do recorte entre o rio e a floresta está relacionada ao fato de que os seres em situações de aparição possuem uma conexão profunda com esses ambientes, carregando, conforme as crenças populares, as energias e espiritualidades da floresta e do rio conforme o recorte proposto aqui. Esse vínculo sugere uma comunhão mais intensa com os rios e suas águas, manifestada em práticas como banhar-se como um aconchego, voltado para a reflexão e a percepção atenta do que ocorre no ambiente natural. Enquanto as primeiras concepções de aparição estavam predominantemente ligadas à floresta, o ato de “ficar de bubuia” — um estado de atenção relaxada sobre a superfície da água — remete a uma relação direta com o rio e com as aparições que nele ocorrem. Assim, tanto o rio quanto a floresta tornam-se cenários de manifestações sobrenaturais, com cada um oferecendo suas próprias formas de aparição e conexão espiritual.

O rio e seus encantamentos evocam uma profundidade misteriosa, cuja total compreensão nos escapa. Parte desse mistério reside na turbidez de suas águas, que, ao criar uma barreira opaca, dificultam uma visão cristalina e plena de seu conteúdo. Nem tudo pode ser discernido à primeira vista; há um véu de enigma que envolve o rio, e suas águas mornas parecem carregar significados que se revelam para além do alcance dos olhos. Assim, o rio se transforma em um símbolo de camadas ocultas e de segredos que apenas se desvendam para aqueles dispostos a se conectar com sua essência e a mergulhar nas profundezas de seu espírito impenetrável.

Resiste uma sabedoria popular em torno dos rios, manifestada nos modos de vida locais que abrangem uma vasta compreensão sobre o clima e suas variações naturais. Esse conhecimento, transmitido por gerações reflete uma percepção profunda e intuitiva das forças que agem sobre o ambiente e influenciam o cotidiano. Trata-se de um saber enraizado, que não apenas observa, mas dialoga com as mudanças naturais, revelando um entendimento intrínseco das interações entre o humano e a natureza, construído pela convivência e pela observação cuidadosa ao longo dos anos.

A linguagem líquida do rio de água doce revela a oralidade narrativa da natureza. A linguagem fluída de quem conta. Ela conta ao olhar devaneante do caboclo as narrativas que ele traduzirá no contar de seus causos e lendas, na líquida e fluída corrente oralizada, passando nos lábios dos rios,

e que é, enfim, como a fonte de toda linguagem. Uma maré de linguagens que vai contando de botos, boiúnas, porominas, macunaímas, expulsão de colonos, contaminação fluvial pelo mercúrio, homens sem terra na terra dos sem fim. E já começa a contar os causos que lhe contam as antenas parabólicas e a Internet (Loureiro, 2003, p.33).

A tênue passagem entre o rio e a floresta parece envolver uma espécie de “cruzamentos” onde se diluem os limites entre o imaginário e a realidade. Esse espaço acolhe crenças e práticas que mesclam arte, cultura e sociedade, tecendo mistérios e construindo narrativas enraizadas no cotidiano amazônico. Nesse cenário, existe uma fusão — uma verdadeira amálgama — entre a concretude da realidade e a projeção do imaginário. Não se trata de um mero devaneio ou mito, mas de uma construção simbólica carregada de sentidos, que intermedeia o imaginário e a realidade, imbuída de uma poesia que celebra a fé, a crença e a religiosidade características da cultura amazônica. Como ressalta Loureiro (2003, p. 31): “Mais do que para dar lição, as ficções mitopoéticas ribeirinhas são para revelar a beleza; menos que estímulo à reflexão do que uma moral a seguir, demonstram mais o prazer de sentir e ver”. A margem do rio, para Paes Loureiro, é um espaço simbólico onde natureza e cultura se encontram e dialogam. No qual, o real e o imaginário se entrelaçam, criando uma poética que transcende o cotidiano.

No entanto, não podemos nos enganar e estar atento ao que nos orienta:

Evidentemente, o conceito nativo de ponto de vista não coincide com o conceito de ponto de vista do nativo, assim como o ponto de vista do antropólogo não pode ser o do nativo (nada de fusão de horizontes), mas o de sua relação com o ponto de vista nativo. Essa relação é uma relação de deslocamento reflexivo. (Viveiros de Castro, 2018, p. 50).

O autor nos aponta para que não sejamos levianos no que propomos produzir, pois, ainda que introduzidos ao meio, inteirados de certos saberes, não saberemos sensivelmente o que se passa e como se é de fato. Aproximamos do outro e de sua realidade a partir das sensibilidades, aqui tratados como natureza e espiritualidade, mas não da mesma forma. Não é possível uma “fusão de horizontes” — ou seja, não é possível se colocar completamente na perspectiva de quem vive naquela cultura. Aqui, a tradição do mito emerge não como instrumento de moralização, mas como celebração estética, revelando a possibilidade de experimentação que reside em tempos passados e presentes, e apontam para um devir, porém um devir ressaltado sobre a base do que nos aponta Viveiros de Castro:

Atualizado ao mesmo tempo nas separações totêmicas e nas misturas sacrificiais (purificação e mediação – Latour), o devir é incessantemente

contra efetuado nas margens dos aparelhos sacrificiais e nos intervalos das taxonomias totêmicas, na periferia da “religião” e nas fronteiras da “ciência”. (Viveiros de Castro, 2018, p.136)

O autor nos conduz a uma reflexão sobre a "periferia da religião" e as "fronteiras da ciência" como espaços de intersecção e diálogo que transcendem juízos de valor. Essa ideia sugere que, ao explorar esses limites, encontramos um território fértil onde a compreensão do mundo não é fragmentada, mas integrada e plural. A "periferia da religião" alude ao que está além do centro dogmático das crenças, onde é possível acolher outras formas de religiosidade, misticismo e espiritualidade que escapam ao rigor institucional, mas que, ainda assim, são profundamente significativas e válidas para as comunidades, aqui com o recorte delineado.

Por outro lado, "as fronteiras da ciência" indicam aquele ponto onde o conhecimento científico encontra o incognoscível, onde a razão começa a se aproximar do mistério e do desconhecido. Em lugar de serem interpretados como antagônicos, religião e ciência podem ser vistos como visões que se aproximam, entrelaçando-se no que ambos compartilham: a busca por entender e dar sentido ao universo. Estar no "limiar" nos convoca para reconhecer e explorar um terreno de coexistência em que as certezas são substituídas pela abertura ao desconhecido, à admiração pelo que podemos considerar como misterioso. E, nesse espaço, propor diálogos com ambas as perspectivas — sem impor um julgamento que privilegie uma sobre a outra — o que permite enxergar complementariedades de uma mesma experiência humana.

3. Processos criativos em Aparição

As reflexões apresentadas anteriormente convergiram para a produção, na medida em que estabeleceram um campo de forças quando o corpo se encontrou plenamente imerso no meio que viria a constituir suas tramas e significados. Esse processo pode, talvez, aproximar-se da concepção proposta por Ailton Krenak, que nos ensina:

A linguagem pela qual organismos como o rio se expressam é muito cifrada. Quando um rio desaparece, para nós é prejuízo, para ele, a salvação. Então, para aprendermos com ele, temos que deixar de operar apenas no campo da racionalidade e experimentar uma espécie de expansão: em vez de simplesmente operar na paisagem, passar a nos confundir com a paisagem. (Krenak, 2023, não paginado).

Esse apontamento do autor revela que, embora um pensamento racional possa permear o processo, existe uma relação íntima com o meio, de modo que os artistas não produzem apenas sobre o assunto a que se dedicam, mas também se confundem, de forma permeável, com o próprio ambiente — neste caso, com a paisagem do rio e da floresta. A respeito desse pensamento desenvolvido, Ailton Krenak conclui:

Nós somos o meio e também o ambiente. É uma visão totalmente não natural que os humanos se refiram às paisagens onde nos deslocamos como meio. Isso é uma noção extrativista. Enquanto produzirmos uma linguagem que fala do mundo como exterioridade, vamos continuar afirmando o extrativismo, vamos atuar como agentes extrativistas no mundo. Tanto na biosfera do planeta como no mundo imaginado. Vamos imaginar que temos a possibilidade de elaborar alternativas a esse mundo que habitamos. Se pensamos elas sempre no mesmo padrão, continuaremos sendo extrativistas. (Krenak, 2023, não paginado).

Ser agentes extrativista nos leva a refletir sobre a forma como extraímos recursos e conteúdos, moldando-os conforme nossas vontades, seja na arte, na academia e em nosso cotidiano, sem nos preocuparmos com o impacto que essa ação exerce sobre todo um sistema que nos precede e sustenta nossa existência. Talvez, essa reflexão seja uma importante contribuição para que, em nossos processos, possamos adotar uma postura menos extrativista, evitando intenções meramente utilitárias e exteriorizadas. Assim, o meio natural, o sensível e o próprio processo criativo passam a ser reconhecidos como parte integrante de quem somos e do lugar onde estamos inseridos. Deste modo, “estar-no-mundo significa fazer a experiência de uma imersão transcendental” (Coccia, 2019, p.68).

Com base nesses princípios, pensamos sobre os elementos da performance 'Aparição', que foram concebidos a partir de um ser que adota o sincrético, integrando componentes do catolicismo, das tradições afro-amazônicas e da espiritualidade indígena. Esses elementos não apenas permeavam o processo criativo, mas também estavam profundamente enraizados na vida cotidiana.

Esses elementos evocavam os sentidos de presença de figuras maternas, como as várias representações de Nossa Senhora, as Marias e Iemanjá, que coexistem ao lado de Obaluaiê, seu filho. Inspirados no emaranhado da floresta e no encontro das águas amazônicas, os trajes usados na performance foram parcialmente confeccionados em algodão cru, e adornados com palha e pérolas no rosto, criando um contraste visual entre o suntuoso e o austero.

Os elementos visuais presentes na performance foram construídos com base em processos tradicionais desenvolvidos por mestres artesãos e artistas locais, que os conceberam a partir de causos, ideias transmitidas e saberes ancestrais. Os elementos físicos e as narrativas entrelaçavam-se nos nossos corpos, conferindo uma força que tornava multifacetadas as aparições, integrando-as ao fazer contemporâneo da performance. Um exemplo dessa inspiração é a manifestação das Nossas Senhoras nos rios, das entidades nos terreiros, dos tranSES e das incorporações que compõem o vasto repertório de mitos e lendas da vivência amazônica, transformando corporalidades e sonoridades em situações ritualísticas transportadas e vividas nessa criação.



Figura 1. Tiago Bassani, *Aparição*, 2022-2023, vídeo 1'58". Coleção PQ23. Fonte: Arquivo do autor.

A Figura 1 revela uma experiência de imersão na floresta, onde a essência estava em caminhar descalço, com pausas que convidavam à introspecção. Nesse caminhar, o tempo se diluía, e os inúmeros sons de um bioma pulsante impregnavam nossos sentidos. Essa jornada foi uma proposição de Edivânia⁴, que orientou: para que o trabalho se realizasse plenamente, era preciso adentrar a floresta e permitir que ele acontecesse ali, como uma aparição para seus seres.

Outras ações surgiram e foram se disseminando pela cidade. Como se tratava de um acontecimento que não se estabelecia mais como uma foto performance e

⁴ Edivânia Câmara de Andrade é quem chamamos de Edivânia Yatundé, artista visual e mãe, ligada ao Tambor de Mina.

vídeo, suspendemos os registros para adentrar ainda mais no processo de uma presença efêmera. As aparições ocorreram em praças públicas, ruas do centro e em espaços entre casarões abandonados na região da Cidade Velha, permanecendo ali até serem notadas e, em seguida, desaparecendo.

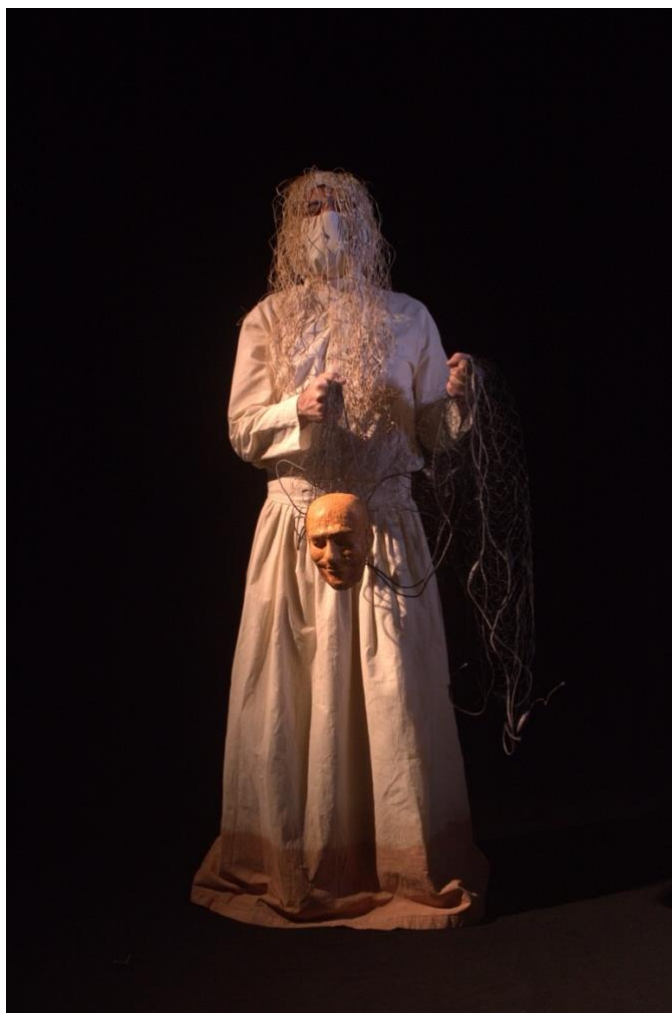


Figura 2. Tiago Bassani, *Aparição*, 2022-2023, Fotografia, 159 x 80 cm. Coleção ICA/FAV. Fotografia: Luana Andrade.

Se, por um lado, as aparições e seus mitos inseridos no contexto da cultura denotam uma característica de permanência, as ações da performance visavam criar a impermanência de um ser estranho, distinto do que já se conhecia, tornando-se algo que poderia ser visto e recontado, mas que logo desaparecia. A causa de seu aparecimento não ressoava apenas entre aqueles que podiam vê-las, mas também na pessoa que ativava esses espaços, construída a partir das referências de tantos mistérios. Assim, os mistérios que habitam o ambiente de maneira metafísica reconduziam o ser à experiência de ser outros. “Na floresta não há substituição da

vida, ela flui, e você, no fluxo sente a sua pressão. Isso que chamamos de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno". (Krenak, 2020, p.99)

O rio imenso e profundo é mais difícil de adentrar; por ele, apenas passamos pela sua linha d'água. Contudo, ele nos conduz a lugares inexplorados, como se fosse o que chamamos de nossa rua. O meu rio é a minha rua. Estamos também às suas margens, e, quando nos banhamos com cuidado, encontramos os bancos de areia que podem nos sustentar nas águas.

Ocorre agora o trecho da música de Paulo Barata⁵ que pode fazer compreender um pouco:

Esse rio é minha rua;

Minha e tua, mururé;

Piso no peito da lua;

Deito no chão da maré. (Barata, 2002)

Neste trecho, as vias, os braços dos rios que formam caminhos por onde adentramos os espaços fechados da floresta, são condutores de fluxos de entradas e saídas. Os rios tornam-se coletivos (meu e teu), referenciando as extensões das plantas aquáticas, influenciados pelas marés nos períodos de cheia e esvaziamento. Movimentos espirituais naturais que modificam nossos sentidos e modos de existência.

4. Considerações

Este artigo buscou algumas iluminações para as complexas intersecções entre arte, cultura e natureza a partir da prática artística desenvolvida na ação "Aparição", realizada na cidade de Belém/PA. A partir da análise das práticas de performance, vídeo e fotografia, observamos como as particularidades da cultura ribeirinha, suas crenças e a religiosidade local são perenes e foram fundamentais para a construção da obra, refletindo sobre as narrativas amazônicas, que não se encerraram com a construção do trabalho, mas constituíram um modo de ser e pensar nas pessoas que compuseram este projeto.

⁵ Interpretada pela cantora Fafá de Belém no álbum "O canto das águas", no ano de 2002.

Ao explorar a relação entre as aparições e os contextos socioculturais, foi possível evidenciar que a arte como caminho de expressão, contato sensível com a comunidade, pode apontar para um meio de conectar indivíduos às suas raízes e ao ambiente que o cerca. As narrativas sobre "visagens", a aparição de Nossa Senhora de Nazaré e os seres encantados mostram que essas manifestações transcendem o simples imaginário, tornando-se elementos vitais da identidade cultural de quem vive e de quem experiencia o local. Elas revelam formas de como os diferentes seres interagem com o mundo natural, respeitando e celebrando os mistérios que o permeiam.

O processo criativo da performance "Aparição" apontou para nós a importância da imersão no ambiente (aqui especificamente na floresta e no rio), ambientes carregados de importância política, social e cultural englobando a espiritualidades. A escolha de integrar elementos sincréticos, que dialogam com as tradições afro-amazônicas, indígenas e católicas, não apenas subsidiou caminhos para a construção de um trabalho artístico, mas também refletiu e fez-se como conhecimento sobre a realidade vivida pela comunidade, onde as fronteiras entre arte, vida e natureza se dissolvem.

Através das ações performáticas, foram criados momentos de presença efêmera, que desafiam a noção de permanência e evidenciam a impermanência da experiência artística. Essa dinâmica nos convida a repensar nossa relação com o meio ambiente e a nos reconhecer como parte integrante dele, instigando uma reflexão sobre a responsabilidade que temos em preservar as tradições e os conhecimentos que nos conectam à natureza.

Deste modo, a ação "Aparição" apresenta os deslimes de uma manifestação artística, se configurando com um espaço de diálogo denso e potente entre as dimensões sociais, culturais e espirituais da Amazônia paraense. A prática artística não discorre sobre a beleza dos meios naturais, mas depõe sobre a complexidade da cultura, trazendo atenção para a importância das vozes e saberes que emergem desse território, fortalecendo a conexão entre os seres e seus meios, aqui tomados pela natureza em sua essência e sua relação com a arte.

Referências

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Lisboa: Sistema Solar, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros. **Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo; Cosac Naif; n-1 Edições, 2015.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

KRENAK, Aylton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

_____. Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, Manaus, v. 3, n. 1 e 2, p. p. 23–33, 2012. DOI: 10.29327/233099.3.1-2. Disponível em: [//www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/196](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/196). Acesso em: 31 out. 2024.

Romullo Baratto. "Ailton Krenak: "Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela"" 15 Out 2023. **ArchDaily Brasil**. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/1007266/ailton-krenak-em-vez-de-operar-na-paisagem-devemos-nos-confundir-com-ela>> ISSN 0719-8906. Acesso em 28 de outubro de 2024.

SANTOS E SILVA, Gerson. **Encantados da Amazônia; os espíritos da natureza. Saberes e Práticas Científicas** – ANPUH – Rio de Janeiro 2014. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400206941_ARQUIVO_ArtigoparaaANPUH,EncantadosdaAmazonia.pdf. Acesso em 28 de outubro de 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: N-1, 2018.

Sobre o autor

Artista Visual. Doutor e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. Especialista em Artes Visuais, Intermeios e Educação. Bacharel e Licenciado em Artes Visuais. Professor do curso de Artes Visuais da UNICAMP na área de Processo Criativo em Composição Artística. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Artes (PROFArtes - Universidade Federal de Uberlândia). Pesquisador do GRUPA (Grupo de Pesquisa em Arte) nas linhas: Atuação e Experiência em Arte e Ensino-Aprendizagem e Práticas Pedagógicas. Integrante do Conselho Editorial da Revista Linha Mestra da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Organizou duas edições do livro "Arte na Educação Básica: experiências, processos e práticas contemporâneas". Assina em coautoria o livro "Pique será: lambari pinicá: vem brincar" com a Grô Marlene de Freitas. Organizou o livro "Arte pública no Brasil: convergências e dissensos". Foi curador em 2023 da 15th Student Exhibition at the Prague Quadrennial: "Festival of the Rares" com a exposição: "Brazil - Tradition and Transgression".

tiagobassa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4621887398114794>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3177-9304>

Como citar

BASSANI, Tiago. Aparição – Entre o rio e a floresta. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, *n.p.*. 1º Semestre de 2025. Doi 10.14393/EdA-v6-n1-2025-75873 **(versão ahead of print)**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.